

# Patrimônio, etnicidade e memória: observações sobre a região central de Cuiabá

Flávia Carolina da Costa

Patrícia Osório

DOI: 10.48006/978-65-87289-38-3

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é refletir sobre as configurações do patrimônio cultural em Cuiabá (MT), a partir de um projeto coletivo desenvolvido na região da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, entre o Morro da Luz e a Prainha, espaços reconhecidos como marcos fundadores da cidade. O projeto Patrimônio Cultural das Populações Negras da Região Central de Cuiabá: Memória e Turismo é desenvolvido pelo Caleidoscópio – Estudos de Cultura Popular, grupo de estudo vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e sediado na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT).

A importância dada à região em análise não se restringe apenas aos aspectos de origem da cidade, mais do que isso, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é um bem tombado e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – processo de tombamento n. 1.180-T-85 – como um Espaço de Memória, desde 1992. Assim, o intuito do projeto é refletir sobre como as configurações do patrimônio cultural interagem com o cotidiano da cidade, levando em consideração todo o universo simbólico que uma igreja dedicada a um santo e a uma irmandade negra podem ter no imaginário de Cuiabá.

Embora a data de construção da Igreja se refira ao ano de 1730, registros históricos associam pequenos festejos populares e secretos em homenagem a São Benedito, um santo preto, acontecendo pela cidade, principalmente nos arredores do Beco do Sebo, atualmente denominado Praça da Mandioca, desde 1722. A forte devoção a São Benedito, associada à população negra escravizada que vivia no antigo Arraial da Forquilha – como primeiramente foi denominada a cidade de Cuiabá –, traz à tona aspectos interessantes sobre a cultura popular, que, aos poucos, foram sendo analisados pelo projeto e se apresentam neste artigo de forma sintetizada.

É importante lembrar que os estudos sobre cultura popular guardam longa tradição no âmbito das Ciências

Sociais. Na Antropologia Brasileira, sua investigação foi utilizada como uma das tentativas de interpretar a sociedade dentro da perspectiva de construção de modelos teóricos para pensar o Brasil, a identidade nacional e a diversidade cultural.

A preocupação com a cultura popular teve participação ativa na formação da Antropologia no país, seja no que toca à demarcação de fronteiras e constituição da disciplina, seja no desenvolvimento teórico – especificamente nas reflexões sobre pensamento social brasileiro, processos identitários, teorias da cultura e antropologia dos rituais. Citamos aqui os trabalhos de Elizabeth Travassos (1997), *Os Mandarins Milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*, e de Luís Rodolfo Vilhena (1997), *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Tais publicações, ao investigarem as diferentes apropriações da noção de cultura popular, trazem à baila complexos jogos entre tentativas de construção de identidades nacionais e expressões populares. Ao mesmo tempo, fazem emergir uma perspectiva de análise não dicotômica da cultura, construindo esferas de comunicação entre diferentes planos e interesses, que constituem a realidade contemporânea.

Atualmente, as reflexões nessa área ganham novo fôlego ao abordarem as mudanças de cenários e contextos nas manifestações da cultura popular a partir das seguin-

tes temáticas: ressignificação e atualização dos folguedos populares (Gonçalves, 2007; Vianna, 2006), processos de espetacularização (Carvalho, 2010; Cavalcanti, 2002), patrimonialização (Sansone, 2012), profissionalização (Santos, 2009) e as relações entre práticas culturais populares, o mercado, o turismo e a mídia (Osorio, 2012; Silva, 2012).

Os pesquisadores da cultura chamam a atenção para o modo como diferentes processos atuam nas manifestações culturais, referências de determinado grupo, em que a utilização dos meios de comunicação de massa, turismo, migração e urbanização geram novas formas de sociabilidades, unindo (não sem tensões) elementos modernos a outros tradicionais.

As dinâmicas das culturas populares, sejam elas ribeirinhas, oriundas dos povos originários ou associadas às memórias das matrizes africanas no Brasil, apontam para complexos processos históricos em que se articulam variados níveis e interesses em campos ativos de tensões e conflitos, que tem como universo de referências culturais as vivências nas cidades.

#### ANTECEDENTES DA FESTA DE SÃO BENEDITO

A título de contextualização, é importante dizer que a Igreja de São Benedito se trata, na verdade, de uma pequena capela, datada do século XVIII, contígua a uma

igreja principal dedicada à Nossa Senhora do Rosário. Contudo, tal distinção figura apenas como um traço da oficialidade histórica, pois, de modo geral, na fala popular, todo o complexo formado pela capela e pela Igreja são reconhecidamente atribuídos a São Benedito, cuja estátua ocupa lugar central no adro das igrejas.



*Figura 1. O telhado mais baixo (à direita) é da Capela de São Benedito, e a igreja principal (à esquerda) é a dedicada à Nossa Senhora do Rosário. Cuiabá, 2023. Fotografia: Flávia Carolina da Costa.*

Embora no calendário católico o Dia de São Benedito seja celebrado em 5 de outubro, em Cuiabá, a festa em homenagem ao santo ocorre no primeiro domingo do mês de julho. A data foi estipulada pela Irmandade de São Benedito, em 1897, visando inserir as comemorações a São Benedito em um período já dedicado a outras festas tradicionais da cidade, como a Festa do Senhor Divino e os festejos juninos.

Hoje em dia, a Festa de São Benedito é organizada pela hierarquia eclesial da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, e conta com o apoio das atuais Irmandades de São Benedito. A Irmandade de São Benedito passou por diversas reconfigurações ao longo dos anos em que se celebra o santo em Cuiabá. O historiador Marcos Amaral Mendes, em seu artigo “Festa de São Benedito na Igreja do Rosário: materialidade territorial da devoção em Cuiabá – MT” (2012), diz que teria havido uma capela devotada a São Benedito na região da Rua (ou Beco) do Sebo – prolongamento da Praça da Mandioca. Porém, tal capela teria caído e os devotos do santo se viram, então, obrigados a se unirem ainda mais para realizarem suas ações e práticas na igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário. É dessa união entre os devotos de São Benedito que se origina a primeira Irmandade dedicada ao santo.

A união dos devotos em Irmandade ganhava importância não apenas pela ocupação, a princípio provisória, de outra igreja, como também para a organização dos festejos, que, desde a queda da capela original, passaram a acontecer no largo da Igreja do Rosário. Em seu artigo, Mendes (2012, p. 165) observa que a “Festa do Glorioso São Benedito”, organizada pela Irmandade, apresentava uma “geografia bem definida”, de modo a não interferir nas dinâmicas sagradas da Igreja do Rosário. Apesar disso, os conflitos entre a Irmandade e a hierarquia eclesial

siástica não puderam ser evitados, sobretudo pelo crescimento da popularidade do festejo, que acabou atraindo a elite local e se tornando um reforçador de prestígios e distinções sociais.

Isso porque, para levantar o apoio financeiro necessário à realização da festa, a Irmandade costumava escolher um festeiro entre as pessoas da elite, que deveria ser o provedor da festa de cada ano, pagando pela comida – que, por sua vez, deveria ser ofertada com fartura e gratuidade:

Automaticamente, ser festeiro de São Benedito era uma forma de ressaltar uma seleção social, de confirmar um pertencimento à elite local, uma vez que este precisava ter uma condição financeira privilegiada para dar conta dos gastos requeridos (Mendes, 2012, p. 166).

Os conflitos entre a primeira Irmandade e a hierarquia eclesiástica resultaram na diluição da Irmandade em 1979. Desde então, a Festa de São Benedito acabou ficando a cargo da própria administração da Igreja do Rosário, e ganhou um aspecto mais mercantilizado. A nova administração da festa cuidou de redigir um Regimento da Eleição de Festeiros de São Benedito e um primeiro Regimento Interno da Festa de São Benedito.

Dessa forma, desde a primeira edição da festa organizada pela nova administração, estabeleceu-se quais

seriam os cargos tradicionais da festa e os festeiros promessários de cada ano. Entre os cargos tradicionais estão aqueles ocupados pela “corte festiva da Irmandade”, resquício da festa feita anteriormente pela primeira Irmandade de São Benedito e composta de um rei, uma rainha, juiz e juíza de vara, juiz e juíza de ramallete, além do capitão do mastro e o alferes de bandeira. Cada um desses cargos é ocupado atualmente pelas novas Irmandades de São Benedito, que são constituídas de devotos do santo, muitos deles advindos das famílias tradicionais cuiabanas, além de moradores das comunidades rurais do entorno, vindas do distrito de Nossa Senhora da Guia, Coxipó do Ouro e Coxipó da Ponte.

Os festeiros promessários, por seu turno, são aqueles devotos de São Benedito que, por terem feito alguma promessa ao santo, se sentem obrigados a realizar trabalhos voluntários para que o festejo ocorra, e serão responsáveis por tarefas como: transportar painéis, ajudar na cozinha, armar as barracas, recolher o lixo e limpar os banheiros.

Meses antes da festa, a Comissão de Festeiros, responsável pela festa do ano corrente, organiza bailes em clubes locais com a finalidade de arrecadar recursos. Os ingressos para esses bailes são amplamente divulgados em jornais e mídias da cidade e tem, também, boa circulação nas redes sociais. Paralelamente, um mês antes da festa, a imagem de São Benedito circula por todas as



comunidades que compõem as Irmandades, como um sinal de proteção a todos os fiéis, mas outros elementos também são colocados aqui.

A chegada da imagem em cada comunidade é regada por mística, música e festa, e apesar de carecer de mais tempo de investigação e análise, ao que tudo indica, a circulação do santo pelas comunidades também carrega consigo uma espécie de “dádiva maussiana”, repleta de reciprocidades a serem equacionadas pelos fiéis ao longo da organização dos eventos e dos tempos dos festejos. Assim, a chegada da imagem traz consigo a escolha pela casa que abrigará o santo, a oferta de farta alimentação aos visitantes que se achegam para contemplá-la, as novenas feitas durante a permanência da imagem no local e, por fim, o transporte do santo até a próxima comunidade que o abrigará por curto período.

Desse modo, se, por um lado, a chegada de São Benedito às comunidades significa um momento de devoção, envolto em reconhecimentos às graças alcançadas e em pedidos por graças futuras, por outro lado, a circulação do santo vai, aos poucos, construindo uma rede de solidariedades entre fiéis que passa muito pela ajuda mútua na organização da festa, mas também ativa (e desativa) os elos entre famílias e fiéis, em uma intrincada trama de relações às quais são acrescentadas as dádivas e as retribuições.

Dois dias antes da festa, ocorre o Levantamento do Mastro, momento em que a Igreja recebe de volta a imagem de São Benedito que circulou por todas as comunidades das Irmandades. Na ocasião, ocorre ainda uma missa celebrativa e um café da manhã coletivo, chamado por todos de “tchá co bolo” (chá com bolo), em referência ao linguajar e à cultura cuiabanos.

#### UMA FESTA EM MUITOS ATOS

O momento de Levantamento do Mastro é acompanhado por todos os devotos de São Benedito, como os moradores das comunidades que fazem parte das Irmandades, os festeiros promessários e, ainda, os adeptos das religiões de matriz africana que sincretizam São Benedito em suas práticas – fato sobre o qual falaremos com mais detalhes ao longo do texto.

Os três dias seguintes ao Levantamento do Mastro são dedicados ao Tríduo, momento em que a missa campal é celebrada às cinco da manhã, do lado de fora da igreja, com muitas cadeiras espalhadas pelo adro, um grande palco erguido estrategicamente à frente de todas elas e um ritual em que se prega o lema da festa de cada ano.

Em 2023, o lema da festa foi “Dai-lhes vós mesmos de comer”, trecho do livro bíblico de Mateus 14:16, em referência à Campanha da Fraternidade, cujo objetivo era

refletir sobre a fome no mundo. É importante relembrar que São Benedito é considerado o “padroeiro das cozinhas e dos cozinheiros”, e que sua trajetória, apesar da ausência de informações precisas, é marcada pela dedicação à cozinha do convento onde viveu e aos cuidados com os pobres, oferecendo a todos que o procuravam um pouco de comida. A ligação de São Benedito com a cozinha torna-se, dessa forma, o símbolo de sua devoção, refletida na fartura ostentada nos festejos e celebrações organizados em sua homenagem.

O Levantamento do Mastro marca o início dos festejos em homenagem a São Benedito. A partir de então, por três dias consecutivos, a região da igreja é tomada pelo ritual da festa, que consiste nas missas campais do Tríduo, realizadas na alvorada e sempre seguidas pelo famoso “tchá co bolo” (distribuído de forma gratuita a todos os presentes), na Feira Gastronômica e na Festa Cultural.

Tanto a Feira Gastronômica quanto a Festa Cultural iniciam no entardecer e adentram as noites. Para a Feira Gastronômica, a Comissão de Festeiros seleciona as famílias e comunidades que a cada ano ficarão responsáveis pela oferta de comidas típicas, vendidas a preços populares. Há uma rotação diária entre as famílias e as comunidades nas barracas, o que implica também uma alternância no cardápio. A Festa Cultural, por sua vez, é dedicada aos shows culturais, com apresentações

musicais e de danças típicas cuiabanas. Em 2023, os *shows* foram de rasqueado<sup>1</sup> e lambadão<sup>2</sup>, enquanto as apresentações de dança deram espaço aos violeiros e dançarinos de cururu e siriri<sup>3</sup>.

O domingo é o último dia de festejo. Seguindo a programação dos dias anteriores, a manhã é dedicada à última missa do Tríduo, mas a Feira Gastronômica se inicia um pouco mais cedo, para que haja tempo e espaço para a importante procissão de São Benedito, que é seguida pelo show cultural de encerramento.

Por volta das 17h do domingo, os fiéis se organizam na Rua de São Benedito, nas costas da igreja, para iniciarem a caminhada da procissão. Enquanto a corte festiva vai à frente carregando os andores com São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, os fiéis seguem atrás entoando louvores em homenagem ao santo, além do Pai-Nosso e da Ave-Maria.

---

1 O rasqueado cuiabano é difundido na região pantaneira e na Baixada Cuiabana e muito presente nas festas em homenagem aos santos católicos, ver Ariano 2002.

2 Produto das camadas populares da Baixada Cuiabana, o lambadão é uma expressão cultural que envolve a música e a dança, ver Barros; Osorio; Dias, 2018.

3 O cururu e o siriri são manifestações muito difundidas na Baixada Cuiabana e Pantanal e estão associadas às festas em homenagem aos santos católicos. O cururu é executado por homens ao som da viola de cocho e do ganzá. O siriri é dançado em pares ao som da viola de cocho, ganzá e mocho.



*Figura 2. “Meu São Benedito / O seu manto cheira / Cheira a cravo e rosa / Cheira à flor de laranjeira”, são versos do canto entoado pelos fiéis durante a procissão. Cuiabá, 2023. Fotografia: Flávia Carolina da Costa.*

Depois de descer a Rua São Benedito, os fiéis seguem em peregrinação pela Avenida Historiador Rubens de Mendonça (conhecida localmente como Avenida do CPA). Por se tratar de uma avenida importante e com grande fluxo de veículos, a equipe da ronda da Polícia Militar e da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana é sempre acionada para acompanhar o cortejo, de modo que tudo ocorra com segurança. O longo caminho da procissão vai sendo acompanhado não apenas pelos fiéis que já estavam desde o início como também por outras pessoas que se juntam em caminhada e louvor ao longo do trajeto. Ao entardecer, as velas são acesas e os moradores dos prédios por onde o cortejo passa saem às janelas, também segurando velas em reverência e devoção ao santo.

Depois de descer a Rua São Benedito, os fiéis seguem em peregrinação pela Avenida Historiador Rubens de Mendonça (conhecida localmente como Avenida do CPA). Por se tratar de uma avenida importante e com grande fluxo de veículos, a equipe da ronda da Polícia Militar e da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana é sempre acionada para acompanhar o cortejo, de modo que tudo ocorra com segurança. O longo caminho da procissão vai sendo acompanhado não apenas pelos fiéis que já estavam desde o início como também por outras pessoas que se juntam em caminhada e louvor ao longo do trajeto. Ao entardecer, as velas são acesas e os moradores dos prédios por onde o cortejo passa saem às janelas, também segurando velas em reverência e devoção ao santo.

A procissão ganha volume e a mística do momento comove a quem a segue. O retorno à igreja é marcado por muitas manifestações dos festeiros promessários, que caminham descalços ou seguem de joelhos. Os adeptos das religiões de matriz africana também manifestam seus rituais ao longo do cortejo, e as ruas e vielas estreitas do centro histórico de Cuiabá parecem ainda menores pelo fluxo intenso de gente descendo e subindo em romaria. Na procissão de 2023, a lua cheia, perfazendo o cenário daquele início de noite, apequenava uma das maiores capitais do Centro-Oeste.

Desde que a Festa de São Benedito passou a ser organizada pela hierarquia eclesiástica da Igreja do Rosário e a primeira Irmandade de São Benedito foi extinta, a festa ganhou contornos mais comerciais, além de uma estrutura organizacional mais fixa, com menos espaço para manifestações populares. Tendo em vista que a Irmandade era inicialmente composta de homens e mulheres negros escravizados no antigo Arraial da Forquilha, a alteração estrutural da festa significou, no limite, um afastamento da população negra e afrodescendente das esferas de organização do festejo.

A historiadora Marina de Mello e Souza, em seu livro *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo* (2002) diz que, apesar de tolerados, alguns aspectos das festas religiosas organizadas pelas irmandades e confrarias compostas de negros e negras escravizados não eram sempre vistos com bons olhos pela Igreja desde os tempos coloniais:

O seu caráter lúdico, popular, permeado de danças e cantos executados nas ruas, a ingestão de grande quantidade de comida e bebida, a inversão temporária de hierarquias e a liberação de comportamentos normalmente proibidos, provocavam o medo da ruptura definitiva da ordem e faziam com que as autoridades administrativas e eclesiásticas estabelecessem limites proporcio-

nais à ameaça de desestabilização que a festa evocava. Mas, muitas vezes, também para o grupo dominante, essas festas faziam sentido, sendo usado, por administradores coloniais e observadores a eles ligados, o argumento de que a permissão para que os escravos folgassem à sua moda por alguns dias os apaziguaria e faria com que trabalhassem melhor (Souza, 2002, p. 191).

É na tentativa de propor uma reparação histórica, simbólica e cultural que, em 2017, um grupo de fiéis oriundos das religiões de matriz africana em Cuiabá começou a lavar as escadarias da Igreja de São Benedito nas vésperas do início da festa. Devotos do santo, eles organizaram uma comissão com o intuito de retomar a identidade e o protagonismo negro e afrodescendente na constituição dos festejos.

Uma reportagem publicada pela equipe do G1 em Mato Grosso, em 2023, quando a Lavagem completava sete anos de existência, diz que ao reunir pessoas de várias religiões, a Lavagem tem como único objetivo simbolizar a fraternidade e a paz. Na reportagem, a ex-presidente da comissão responsável pela Lavagem das Escadarias, Lindisey Catarina de Sá, faz referência ao fato de que tanto a Igreja do Rosário, quanto o espaço contíguo a ela, dedicado a São Benedito, foram erguidos por mãos negras escravizadas: “Lavamos as escadas com a repre-



sentação de limpar toda essa mágoa, dor e tristeza que os escravos sofreram durante a época da exploração do ouro” (Monteiro, 2023).

O movimento de lavagem das escadarias das igrejas católicas, realizado como manifestação ritual das populações negras escravizadas no Brasil, guarda sentidos complexos e é comum em várias regiões do país. Se em um contexto histórico, por um lado, a lavagem das escadarias estaria atrelada à função de limpeza em sentido estrito do termo, tarefa realizada, em geral, pela mão de obra escravizada, por outro lado, também significava um momento em que expressões culturais afro-brasileiras podiam ser manifestadas sem o peso de um julgamento mais severo.

Roger Bastide (1971) observa que, no Brasil, a Igreja Católica, em sua versão popular, ajudou no processo de sobrevivência de algumas práticas culturais afro-brasileiras. Exemplo disso seriam as próprias irmandades e confrarias criadas em favor de santos católicos, com os quais os fiéis afro-brasileiros mantinham não apenas uma relação de devoção mas também uma afinidade étnica e até de parentesco, a exemplo da lógica vivenciada no universo das religiões de matriz africana.

Dessa maneira, os rituais de lavagem das escadarias das Igrejas Católicas no Brasil, em geral, remetem a um momento em que as práticas e manifestações

culturais afro-brasileiras subvertem a adjetivação pejorativa, que comumente as associa ao profano, para propor uma inversão em favor de um catolicismo negro e popular, que amplia a eficácia da conversão religiosa cristã, na mesma medida em que conserva aspectos e valores oriundos das religiões nativas.

O pioneirismo da Lavagem das Escadarias da Igreja de São Benedito em Cuiabá dialoga, em nível nacional, com as manifestações culturais afro-brasileiras que se processam Brasil afora e que não se restringem aos aspectos da religiosidade, pois se expandem para as discussões acerca das identidades, dos protagonismos e das reparações históricas aos efeitos da escravidão transatlântica, alcançando um diálogo que se processa também em nível global. No âmbito local, a lavagem produz uma articulação de propostas que acionam o que chamaremos de “movimento de retomada”.

Bastante usual nos discursos e narrativas indígenas e quilombolas, a ideia da retomada tem sido acionada nas lutas pela recuperação de territórios tradicionais e nas construções de coletividades e pertencimentos. O termo aparece também nos estudos decoloniais – entendidos aqui como um “conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade” (Quinteiro; Figueira; Elizalde, 2019, p. 4). Dessa forma, para os fins deste artigo, entenderemos os movimentos de reto-



*Figura 3. Mães de Santo com suas quartinhas com água de cheiro para lavagem das escadarias, no dia do Levantamento do Mastro. Cuiabá, julho de 2023. Fotografia: Flávia Carolina da Costa.*

mada como um enfrentamento às relações assimétricas de poder que, por séculos, têm construído sistemas de dominação cultural e histórica, subalternização de subjetividades e silenciamentos.

A Lavagem das Escadarias da Igreja do Rosário para a Festa de São Benedito impulsiona, assim, outra forma de se contar sobre a festa ao longo dos seus anos de existência, bem como confere outras colorações ao processo de ocupação territorial e ao desenvolvimento político e econômico de Cuiabá e de Mato Grosso e, ainda, desperta

questionamentos acerca da história e da cultura do centro da cidade. Quais outras histórias o Beco do Candeeiro guardaria? E o Morro da Luz? E a Praça da Mandioca? Antes de carregarem os nomes de homens brancos pertencentes à elite local, como teriam sido chamadas as ruas do centro de Cuiabá?

É no esforço de compreender essas questões até então silenciadas que nos deparamos com Cristóvão Luiz Gonçalves da Silva, atual diretor do Museu de Imagem e Som de Cuiabá (MISC). Cristóvão se define como um “griô”, em referência ao termo africano usado para designar aqueles que seriam responsáveis por preservar e transmitir conhecimentos, histórias e mitos de seu povo. Figura importante nos movimentos culturais cuiabanos desde a década de 1990, em sua trajetória, Cristóvão acumula experiências advindas de coletivos como o Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON) e a Pastoral do Negro, organizada na Igreja de São Benedito, e diz ter estado sempre envolvido com os processos de recuperação e valorização das heranças negras e africanas em Cuiabá.

Astuto em suas pesquisas sobre a presença negra em Mato Grosso, Cristóvão foi um dos idealizadores da Lavagem das Escadarias da Igreja do Rosário para a Festa de São Benedito e, depois de instituído o projeto (agora tocado por uma comissão própria), tem se dedicado à

elaboração de uma Rota da Ancestralidade. Para Cristóvão, a Rota é como uma viagem pelos bairros mais antigos de Cuiabá e uma conexão com as famílias e devotos de São Benedito, de origem africana e indígena.

Em entrevista para o jornal do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso, publicada em novembro de 2023, mês da Consciência Negra, na ocasião do lançamento da Rota e de um documentário feito sobre ela, Cristóvão cita personalidades negras da cidade cujas histórias são pouco ou nada conhecidas pelos moradores locais:

São personalidades que eu e você não vamos ver porque não são de famílias tradicionais, mas são de famílias de influência africana nesse solo sagrado, nesse quilombo chamado Cuiabá Cidade Verde. Então, a Rota da Ancestralidade é uma dívida que nós temos para com a nossa ancestralidade. Passeando nesses becos, ruas e ruelas, nós encontramos essa voz silenciada desses homens e mulheres (Jornalistas, 2023).

A Rota inclui sete lugares espalhados pelo centro histórico de Cuiabá: 1) o local conhecido como “Alavanca de Ouro”, entre as Igrejas do Rosário e São Benedito e o Morro da Luz, onde funcionava, no século XVIII, o garimpo chamado “Lavras do Sutil”; 2) o Largo do Rosário; 3) a Praça da Mãe Preta; 4) a Praça da Mandioca; 5) a Rua das Pretas (atualmente designada Rua

Engenheiro Ricardo Franco); 6) o Beco do Candeeiro e 7) o próprio MISC.

Em entrevista concedida às autoras deste artigo, Cristóvão disse que, há quatro anos, começou a estudar os espaços que gostaria que, a princípio, fossem destacados pela Rota. Seus estudos indicaram mais de 200 pontos que poderiam ter sido destacados no trajeto, espalhados pela cidade toda, lugares onde a presença negra compôs histórias importantes, onde personalidades afro-brasileiras se destacaram, onde a cultura afro-americana se desdobrou em manifestações populares de dança, teatro, culinária etc. Porém, ancorado na simbologia das religiões de matriz africana e também na dinâmica turística, a Rota se concentrou nos sete pontos supracitados, todos eles próximos entre si, facilitando uma caminhada guiada pelo centro da cidade.

O trajeto, para Cristóvão, deve incentivar um “turismo afro” (expressão nativa) e popularizar a área central. A valorização das narrativas sobre a África e o crescente interesse pelos aspectos da cultura popular de origem africana não raras vezes têm pautado políticas de patrimonialização, sobretudo de artefatos intangíveis, e incentivado o processo de criação de museus, entendidos não somente como espaços de salvaguarda de memórias e histórias como também um espaço de lutas políticas pela afirmação da diversidade, como lembra Lívio Sansone (2012).

Nesse fluxo, as rotas turísticas centradas em elementos da cultura africana passaram a ocupar um papel importante nos estudos sobre memória e patrimônio, na medida em que, ao tomarem os espaços públicos (em oposição aos espaços dos museus), ampliam a presença de grupos turísticos e informam de modo mais dinâmico sobre as muitas camadas da memória e da história local. No Brasil, além da Rota da Ancestralidade de Cuiabá, outro caso exemplar é o Circuito Histórico de Celebração da Herança Africana, que ocorre no Rio de Janeiro (RJ), desde que o Cais do Valongo foi alçado à categoria de Patrimônio da Humanidade pela Unesco, no âmbito do Programa Rota dos Escravos.

Na visão de Cristóvão, a Rota da Ancestralidade de Cuiabá cumpre, ainda, a função de atribuir aos negros a intelectualidade que lhes foi negada pela história, pois se foram eles os construtores desses espaços, nada mais justo do que lhes devolver as honras das próprias criações a partir de um circuito que celebre não apenas suas presenças ancestrais mas também suas inventividades.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado de Mato Grosso é bastante rico no que toca a sua diversidade cultural e, a exemplo de expressões culturais comuns a outras regiões do Brasil, ali também há

registros de festas como o Congo e a Folia de Reis, e um vasto circuito das festas religiosas celebradas em homenagem a santos católicos. Por outro lado, Mato Grosso guarda também suas especificidades, com expressões circunscritas à região, como o siriri, o cururu, o cururusé<sup>4</sup> e o boi à serra<sup>5</sup>.

A ausência de uma produção antropológica consolidada sobre as manifestações culturais mato-grossenses, sobretudo a partir do enfoque etnográfico, foi o que nos motivou a iniciar o projeto Patrimônio Cultural das Populações Negras da Região Central de Cuiabá: Memória e Turismo. Além disso, interessava-nos também oferecer instrumentos analíticos voltados à valorização da memória e da presença negras e africanas no estado, contornando a insuficiência de investigações históricas e socioantropológicas sobre o tema nas produções científicas realizadas no estado e sobre o estado, de modo geral.

Os caminhos pelos quais novas narrativas sobre a África vão sendo construídas no contexto mais amplo

---

4 Executado com o píffano, está associado ao ciclo carnavalesco e muito presente entre os Chiquitanos, ver Pacini, 2012 e Silva, 2015.

O Boi à serra faz parte dos folguedos populares brasileiros centrados na figura do boi, difundido na região da Baixada Cuiabana e especialmente por ocasião do Carnaval. Atualmente, os grupos de siriri incorporam em suas performances a figura do boi à serra como um elemento cênico e coreográfico



das Américas, a partir do momento que se reconhece o tráfico de escravos como um crime contra a humanidade e das medidas políticas para restabelecimento de um diálogo posterior a esse reconhecimento, é um tema candente na Antropologia produzida nos últimos anos no Brasil (Costa, 2016; Sansone, 2012; Vassallo, 2012), e era do nosso interesse observar as aproximações e os distanciamentos dessa temática com o contexto cultural do Centro-Oeste brasileiro.

Assim, ao nos dedicarmos a analisar a região da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, entre o Morro da Luz e a Prainha, não imaginávamos encontrar as iniciativas sobre as quais nos debruçamos ao longo deste artigo. O movimento de retomada empreendido por pequenos coletivos e por militantes de uma cultura negra mato-grossense apontam para um processo de construção de espaços públicos de memória e também de identidades.

Halbwachs (1990) definia que a memória coletiva servia para reforçar as identidades dos grupos e estaria atrelada à forma como o passado desses grupos seria vivido no presente. O que percebemos em nossas pesquisas se aproxima mais do que vem sendo desenvolvido pela historiadora Ana Lúcia Araújo (2012) acerca da produção de uma memória pública, isto é, quando a memória coletiva se torna instrumento político para construir e reafirmar identidades.

Araújo (2012) pontua que, em sociedades marcadas pelo tráfico transatlântico, a transmissão de experiências entre gerações foi interrompida por uma experiência traumática. Dessa forma, a memória coletiva acaba sendo substituída por uma memória histórica cristalizada em monumentos, memoriais, patrimônios e museus.

Cabe, então, aos movimentos de retomada, como os que deram luz à Lavagem das Escadarias da Igreja do Rosário e à Rota da Ancestralidade, em Cuiabá, a tarefa de ocupar esses museus e patrimônios com as próprias narrativas e experiências, desnaturalizando o contar cronológico da história e decolonizando os museus e patrimônios em rotas de celebração capazes de recuperar, recriar e representar o passado para si e para a esfera pública.

## Referências

- ARAÚJO, A. L. (org.) *Politics of memory: making slavery visible in the public space*. New York: Routledge, 2012.
- ARIANO, H.A. *Vozes da Cuiabania: Identidade e Globalização no Rasqueado Cuiabano*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- BARROS, L. F.; OSORIO, P. S.; DIAS, J. B. *Lambadão: breaking the borders of the periphery*. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 15, n. 1, p.1-18, 2018.

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Edusp: Pioneira, 1971.

CARVALHO, J. J. de. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. *Anthropológicas*, Recife, ano 14, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2010.

CASA SILVA FREIRE. Cuiabá, c2024. Site. Disponível em: <http://www.casasilvafreire.org.br>. Acesso em: 21 set. 2024.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Os sentidos no espetáculo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002.

COSTA, F. C. da. *Nas tramas da revitalização: conflitos e movimentos na zona portuária do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

GONÇALVES, R. de S. *Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2007.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Vértice: São Paulo, 1990.

JORNALISTAS pela igualdade racial e Misc lançam documentário e lista negra com mais de 100 fontes. Cuiabá: Sindjor-MT, 2023. Disponível em: <https://sindjormt.org.br/noticias/jornalistas-pela-igualdade-racial-e-misc-lancam-documentario-lista-negra-e-levam-mais-de-100-pessoas-para-conhecer-a-historia-do-povo-negro-na-cuiaba-antiga/>. Acesso em: 21 set. 2024

MENDES, M. A. Festa de São Benedito na Igreja do Rosário: materialidade territorial da devoção em Cuiabá – MT. *Revista Eletrônica Geoaraguaia*, Barra do Garças, v. 2, n. 2, p.164-187, 2012.

MONTEIRO, A. Lavagem das escadarias: conheça a tradição que reúne religiões há 7 anos na Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Cuiabá. *G1*, s. l., 23 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/06/23/lavagem-das-escadarias-conheca-a-tradicao-que-reune-religoes-ha-7-anos-na-igreja-nossa-senhora-do-rosario-e-sao-benedito-em-cuiaba.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2024.

OSORIO, P. S. Do bolo co tchá ao cake with tea: siriri e processos de mediação cultural. In: TEIXEIRA, J. G. L. C.; VIANNA, L. C. R. (org.). *Artes populares no Brasil central: performance e patrimônio*. Brasília, DF: Idade da Pedra, 2012. p. 359-372

PACINI, A. *Identidade étnica e território na fronteira (Brasil – Bolívia)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

QUINTERO, P.; FIGUEIRA, P; ELIZALDE, P. C. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

SANSONE, L. (org.). *Memórias da África: patrimônios, museus e políticas de identidade*. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, N. S. dos. *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

- SILVA, V. C. *Carnaval: Alegria dos imortais*. Ritual, Pessoa e Cosmologia entre os Chiquitanos no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, R. A. da. *A atualização de tradições: performances e narrativas afro-brasileiras*. São Paulo: LCTE, 2012.
- SOUZA, M. M. e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- TRAVASSOS, E. *Os Mandarins Milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Funarte: Jorge Zahar Editor, 1997.
- VASSALLO, S. P. Desenterrando memórias: patrimônios afrodescendentes em disputa na Zona Portuária do Rio de Janeiro. In: SOUZA, R. (org.). *Sociedade em perspectiva: cultura, conflito, identidade*. Rio de Janeiro: Gramma, 2012. p. 157-187.
- VIANNA, L. O caso do registro da viola de cocho como patrimônio imaterial. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 53-62, 2006.
- VILHENA, L. R. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getulio Vargas, 1997.